

CEMITÉRIOS SERIDOENSES: NOVAS PRÁTICAS DE CIRCULARIDADE CULTURAL

Alcineia Rodrigues dos Santos

Espaços portadores da cultura material e espiritual de determinada sociedade, os cemitérios são fundamentalmente lugares de expressão social e coletiva. Não são somente o recinto dos mortos: eles abrigam histórias, costumes e principalmente a incerteza e a inquietude diante da morte como um acontecimento irremediável. Espelho social, as necrópoles, com seus usos e apropriações, transformam-se em espaços coletivos onde a cultura funerária se combina com as tradições cotidianas da comunidade, permitindo um intercâmbio entre ambas.

Essa troca de vivências entre espaços de vivos e lugar para mortos não é nova. Desde a Idade Média, os mortos convivem com os vivos, pois era na igreja, lugar de conforto espiritual e celebração, que a vida social e religiosa acontecia. As igrejas/cemitérios, no entanto, eram lugares de oração, de passeio, espaço de confraternização. Em seu recinto, não só se depositavam corpos: lá também se rezava, se conversava, e, sobretudo, se recordava.

Mesmo com as mudanças culturais que a sociedade brasileira tem sofrido, especialmente durante o século XIX, a proximidade entre vivos e mortos ainda se faz presente, embora estes últimos se tenham transferido para os cemitérios convencionais. Os usos tradicionais que observamos dentro das necrópoles denotam o sentido que a população dá à morte, e a existência dos cemitérios é aqui pensada como imagem da sociedade em seus usos e costumes. Na cidade dos mortos, as casas de morada são distintas das residências na cidade dos vivos, porém ambas refletem o que somos e as condições em que vivemos e morreremos.

É bastante evidente que as transformações e aquisições próprias da vida social urbana também estão presentes na cultura funerária e na relação que a sociedade tem com a morte e os com mortos. Nesse caso, observamos a importância da conservação das relações existentes dentro dos cemitérios, assumindo-os como espaços coletivos portadores de uma identidade cultural e capazes de, em suas práticas e seus usos, recordar e identificar um passado dando significado ao presente.

Especialmente a partir da segunda metade do século XIX, fortalecem-se as políticas de construção dos cemitérios convencionais. Os maiores centros urbanos da Europa e da América Latina agregam a seu espaço urbano as necrópoles secularizadas. A nova morada dos mortos passa a ser definida como espaço de perpetuação, logo os objetos que o compunham esse espaço também vão fazer parte dessa mentalidade. Não obstante, esse século ficou marcado pela construção de cemitérios convencionais em grandes centros urbanos da Europa, dos Estados Unidos e da América Latina. Muitos desses campos-santos são considerados hoje como *lugares de memória*¹, com um cenário composto por jazigos-capelas, túmulos monumentais, esculturas e símbolos que ultrapassam sua função. Convertem-se, assim, em espaços de preservação da história, da memória e do patrimônio cultural do lugar.

Em princípio, os cemitérios são construídos em um espaço delimitado. Porém, com o aumento da população e o acúmulo de óbitos, faz-se necessário sua expansão territorial. Nesse momento, elementos como a capela, o cruzeiro e as fachadas sofrem intervenções e, geralmente, perdem suas características iniciais. É comum, nos cemitérios, a existência de um sentimento de dor, de lamentação, um pranto que causa desolação e desespero. Em meio a celebrações, preces de perdão e de agradecimento, o amor e a melancolia são expressos das mais variadas formas.

Ao mesmo tempo que presenciamos esses sentimentos, nos cemitérios também assistimos ao júbilo da vida, anunciado através das cores, da fé e da esperança, o que se torna possível a partir da dinâmica instituída pelo próprio ambiente cemiterial. São mensagens bem particulares, destinadas a qualquer um que queira usufruir delas, que sinta desejo de lê-las. Os vivos que constroem esse ambiente nos fazem acreditar que os *moradores* desse lugar parecem querer dizer-nos algo, como se precisassem mostrar que fazem parte do contexto da vida. Cada túmulo ou cruz, cada lápide ou epitáfio parecem ter sido pensados em um ato particular de dedicação e respeito ao defunto, como uma demonstração pública a todos aqueles que fizeram parte de sua vida e/ou talvez para aqueles que agora olham por sua imagem na eternidade.

¹ O termo foi tomado de empréstimo ao historiador francês Pierre Nora. De acordo com Nora, esses *lugares de memória* são produzidos a partir do sentimento de que não há memória espontânea, sendo necessário criá-las. O autor ressalta que as sociedades modernas, tomadas pelo individualismo e pela fragmentação da vida coletiva, constituíram lugares para a preservação de memórias coletivas. NORA, Pierre. *Entre memória e história. A problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 07-27.

O cemitério é esse espaço de memória e de afetividade. Um lugar que tem sofrido mudanças em sua trajetória sociocultural e religiosa ao longo dos tempos. Um ambiente que, por si só, transmite diferentes identidades, uma representação consciente da memória individual, coletiva e histórica², e onde tudo é válido na comunicação da lembrança. Nele não se instituem regras nem tampouco se estabelece unidade. As necrópoles estão carregadas de toda uma simbologia, representativa ou não, manifestada a partir da arquitetura e da estatuária e vinculada a um conjunto de representações, de sentimentos ou tendências concernentes a morte, aos afetos familiares e às relações sociais, mostrando a relação que a morte tem com a cultura.

Nos cemitérios convencionais seridoenses, encontramos túmulos dos mais variados padrões. Túmulos monumentais, de porte médio, simples e covas rasas³ ocupam o mesmo lugar, preenchendo um ambiente onde praticamente já não há espaço para um novo enterramento. Neles, observamos elementos portadores de uma memória, que nos ligam intimamente com nossos entes queridos, além de apresentarem um conjunto de textos e símbolos que nos encham de lembranças e nos remetem a uma vida passada. Do mesmo modo, o cemitério “é objeto da história, pois nos propicia enquanto pesquisadores, rever a visualidade do passado de forma afetiva e mágica, dentro de um discurso crítico que confirme uma relação temporal com o produto artístico funerário, com o morrer e o renascer”.⁴

A arquitetura estrutural de nossas necrópoles foi pensada por seus próprios membros sociais. Em se tratando de influências, a cultura mortuária é herdeira da

² Estaremos utilizando os termos memória individual, *memória coletiva* e *memória histórica* na acepção adotada por Maurice Halbwachs. De acordo com esse autor, a memória individual está condicionada a uma memória coletiva, já que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Para Halbwachs, “haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível”. Sendo “a memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Halbwachs acredita que os quadros coletivos da memória não se resumem a datas, nomes; eles representam pensamentos e experiências pelas quais reencontramos nosso passado, já que fomos por eles delineados. Tendo em vista que a memória se apoia no *passado vivido*, para Halbwachs a memória histórica compreende uma sucessão de fatos marcantes para um lugar. HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, p. 40-75.

³ Trata-se de uma tipologia adotada para o Seridó e que não se aplica necessariamente a outras localidades.

⁴ BORGES, Maria Elizia. *A memória da ABEC e os memoriais cemitérios do Estado de São Paulo (Brasil)*. In: X Encontro Iberoamericano de Valorización y Gestión de Cementerios Patrimoniales. Outubro de 2009, Medellín, Colômbia. Anais do Evento.

tradição europeia. A ornamentação e o desenho assinalam uma configuração de âmbito religioso, sendo verdadeiros museus ao ar livre, onde podemos encontrar traços típicos da cultura popular⁵ pertencente ao patrimônio cultural da comunidade. Desse modo, frequentar um cemitério no Seridó é também (re)ler as páginas de uma história local, contada a partir de um reservatório de informações sobre a cultura material⁶, bem como sobre crenças populares, rituais e ações específicas daquele lugar.

Levando em consideração que, através dos cemitérios, temos manifestações concretas dos mais diferentes modos de conceber e sentir a morte, os saberes e crenças sobre a imortalidade estão refletidos nos sepulcros, pelos quais é possível apreciar um rico processo de representação cultural. Dentro do cemitério, o túmulo tem a função de demarcar o lugar onde o corpo em defunção foi depositado. Em geral, a tumba traz elementos de distinção e identificação do morto: seu nome, a data de seu nascimento e a sua morte, além de uma inscrição mais ou menos abreviada que geralmente expressa um pensamento em relação à morte e expectativas em relação à vida eterna ou, do contrário, constituem-se em uma homenagem feita por familiares.

⁵ O termo *cultura popular* é utilizado, em nossa pesquisa, seguindo a percepção do antropólogo Clifford Geertz, que concebe a cultura como sendo um conjunto de signos e significados instituídos por determinado grupo social. Nesse sentido, a *interpretação* da cultura nada mais é do que a decodificação desses símbolos, mitos e ritos, o que ele chama de *descrição densa*, que incorreria numa pesquisa etnográfica sobre eles. Cf. GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

⁶ O artigo *História a partir das coisas*, de Marcelo Rede, traz uma discussão sobre a noção de cultura material. De acordo com esse autor, a “formulação dos diversos conceitos de cultura material está intimamente ligada à visão que os autores têm da própria noção de cultura; por assim dizer, corresponde-lhe organicamente”. Na realidade, a cultura material se apresenta como um fator de comportamento humano, ou estaria, de certo modo, fortemente influenciada por ele, apesar de que nem tudo que diz respeito ao humano tem sua matriz nos comportamentos humanos, dado que, “comportamental é a característica geral de todos os aspectos da cultura, dos materiais aos simbólicos”. Nesse sentido, Rede compreende a cultura material não tão somente como o objeto em sua *materialidade* pois seu estado físico não o esgota culturalmente. Para esse autor, a matéria tem raiz cultural a cultural tem uma dimensão material. REDE, Marcelo. *História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material*. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 4, p. 265-282, jan-dez. 1996, p. 267-274. Essa ideia é reforçada por Vânia Carneiro de Carvalho, que, analisando a história do gênero, observa que “a cultura material estaria associada àqueles valores mais fundamentais da experiência humana, e por isso universais”. Assim, “o artefato, como qualquer documento, deve ser compreendido na sua ‘intertextualidade’, ou seja, dentro de um conjunto amplo de enunciados que dão sentido, valor, induzem e instrumentalizam as práticas”. CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e Cultura material: uma introdução bibliográfica*. Anais do Museu Paulista, São Paulo. N. Sér. v. 8-9, p. 293-324. (2000-2001). Editado em 2003, p. 306.

Por vezes, encontramos referência ao exercício, pelo morto, de alguma função ou cargo mais conceituado que ele ocupou ao longo da vida. Essas informações vêm comumente acompanhadas de uma imagem do morto: pequena fotografia, em porcelana, onde geralmente se mostra o indivíduo em um momento feliz de sua vida, como festa de aniversário, de casamento ou uma comemoração cotidiana. Desse modo, o túmulo não só informa o lugar do morto no interior do campo-santo, mas, sobretudo, deixa uma imagem física, um indicativo do que esse personagem foi para a sociedade, como uma espécie de lembrança do defunto, uma forma de perpetuar sua memória.

A sociedade brasileira, especialmente durante o período colonial, sepultava os mortos nas igrejas. Dentro dos templos, os fieis assistiam a missas e às demais celebrações habituais em pé, de joelhos ou sentado no chão, sobre os mortos, que podiam ser de qualquer condição social. Naquele espaço sepultavam-se ricos e pobres, escravos e pessoas livres. No período colonial, os túmulos, nas igrejas, eram, de um modo geral, semelhantes, quando não se distinguiam pela aposição do brasão para enfatizar um título de nobreza da família.

Na Primeira República, com a proibição do enterramento *ad sanctos*, os cemitérios começaram a fazer parte da geografia urbana, embora inicialmente fossem construídos nos arredores das cidades. Frente à necessidade de mostrar opulência, a elite brasileira passou então a erguer suntuosos túmulos, com uma arquitetura especializada, decorados por esculturas que compreendem figuras e signos. Nos primeiros cemitérios da cidade São Paulo e do Rio de Janeiro, prevalecem de estilos específicos – o neoclássico e o ecléticos –, que se traduzem em figuras como obeliscos, urnas e capelas funerárias, além das imagens de cunho religioso.

No Seridó, a elite republicana, no entanto, não sentiu tanta necessidade de traduzir seu *status* por meio de jazigos monumentais ou artísticos. É importante pontuar aqui que a aristocracia norte-rio-grandense, notadamente, não teve as mesmas influências recebidas, por exemplo, pela sociedade paulista, principalmente de marmoristas e escultores italianos. Apesar disso, mesmo em sua arquitetura simples, geralmente associada às capelas colonial e produzida a partir de materiais comuns à construção civil, a população tratou de deixar seus feitos registrados e sua memória perpetuada nas necrópoles. De qualquer maneira, essa atitude de notoriedade pública é apenas mais uma das diversas formas que a sociedade ocidental buscou para guardar a

memória de seus mortos. Dentro dos contornos dos campos-santos, podem-se analisar o contato entre vivos e mortos e a relação que os primeiros têm com a finitude da vida.

No Seridó, existem peculiaridades que são fruto de uma constituição geográfica iniciada a partir das fazendas de criar gado. Ao contrário de muitas metrópoles brasileiras, nas quais se percebe com maior força as intervenções capitalistas, em algumas cidades do Seridó se preservam as relações sociais e coletivas, guardando-se características singulares: uma vida diária pensada nos moldes regionais, uma configuração pensada a partir da terra, do homem e de sua produção. As características essenciais desse processo podem ser analisadas por meio da arquitetura e da escultura presente nos cemitérios.

O cemitério é efetivamente um lugar de testemunho histórico, pois “grande parte do que sabemos hoje sobre a Antiguidade deve-se aos túmulos e objetos que ali foram acumulados. Quanto mais longínqua a Antiguidade, maior é a parte de documentos funerários”.⁷ O monumento tumular promove uma relação constante de presença/saudade e ausência entre vivos e mortos. A memória se materializa de várias maneiras, e as lembranças do morto permitem sua continuidade no mundo dos vivos.

Harry Rodrigues Bellomo, pesquisador que estuda os monumentos fúnebres, em especial a arte e a arquitetura tumular do Rio Grande do Sul, observa que os cemitérios se constituem em exemplos da necessidade de manter viva a identidade cultural de determinado grupo. De todo modo, articulada com as percepções cotidianas, a memória traz o passado à tona. É o que Maurice Halbwachs pontua quando frisa que relembrar o passado é um ato de reconstrução ao invés de uma ação de revivê-lo. Notadamente o cemitério é um lugar de conservação de uma memória particular, porém coletiva. Concordamos com Halbwachs quando defende a ideia de uma não lembrança individual, especialmente porque o ser humano, como um ser social, (re)produz suas vivências, mesmo as mais pessoais, a partir de uma coletividade.⁸

As memórias são construídas por grupos sociais, e os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos de acordo com a importância destes para sua comunidade, o que as torna coletivas. Nesse sentido, podemos observar que as lembranças partilhadas entre a sociedade seridoense dentro dos cemitérios se

⁷ ARIÈS, Philippe. *O Homem Diante da Morte*. Vol. II, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, p. 518.

⁸ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, p. 30.

evidenciam principalmente pela ligação afetiva existente, conforme aponta Maurice Halbwachs. As construções tumulares, a decoração das covas, os epitáfios e as fotografias, além dos elementos religiosos, mostram como a morte e o morto são tratados pela comunidade.

Como foi discutido, o Seridó seguiu de bom grado o exemplo de adequação à mudança histórica e às transformações que se deram em consonância com o novo regime político, de modo que antigas práticas puderam ser discutidas. A implantação de cemitérios seculares foi possível mediante as novas regras sanitárias que a região conheceu a partir da metade do século XIX. Através de documentos da época, pudemos enxergar como a população se portou diante das mudanças que se apresentavam e que passaram a formar a base de um novo cenário social.

Pensando a cidade como um intrincado conjunto de relações e sua arquitetura como forma de expressão social e de memória, apresentamos os cemitérios como um lugar privilegiado, cheio de significados, investido de símbolos que, na maioria das vezes, servem para identificar e distinguir famílias e seu contexto social. Assim, os cemitérios das cidades de Acari, Caicó, Carnaúba dos Dantas e Currais Novos, bem como aqueles encontrados nas respectivas municipalidades, são aqui pensados como espaços de sociabilidade.

Nessas cidades, os cemitérios são os que chamamos convencionais, os ditos seculares, ou seja, campos-santos a céu aberto, cuja administração está a cargo dos órgãos públicos, sendo comumente dirigidos pela prefeitura. São espaços mortuários instalados no Brasil ainda no século XIX, após a proibição do enterramento no interior das igrejas cristãs católicas, como medida preventiva de saúde pública, processo que se iniciou por decreto de Dona Maria de Portugal, no ano de 1789, sendo confirmada sua obrigatoriedade por D. Pedro I em 1828, embora esta só se tenha consolidado em todo o país com a Primeira República, em 1889 – Decreto Federal n.º 789, de 27 de setembro.

Nossa escolha pelos cemitérios aqui apresentados se deu pelo fato de que foram as quatro cidades acima citadas, as que tiveram a implantação de seu primeiro campo-santo secularizado no ano de 1856. Essas necrópoles são espaços ricos em cultura popular onde o sagrado e o profano se misturam. A partir dos suportes escolhidos, foi possível identificarmos determinados pactos definidos pela sociedade: sentimentos de amor e esperança, anseios e motivações de uma época capazes de

elucidar a representação coletiva da sociedade, que retrata aspectos pontuais e exatos de seu cotidiano: costumes locais, hábitos de lazer, aspectos cívicos e políticos; noções de saúde, enfermidade, dor e morte; além das formas como eram compreendidas tais questões. Tudo isso nos permite que pensar o cemitério agrupa um processo de circularidade cultural.

As análises de Harry Bellomo têm evidenciado que os espaços cemiteriais podem dar-nos valiosas informações. Eles são fonte histórica e de preservação da memória social e coletiva, fonte de pesquisas que busquem o entendimento das crenças religiosas e do gosto artístico e excelentes fontes para a compreensão dos estudos étnicos e genealógicos, além de expressarem as ideologias políticas. Trazemos algumas dos modelos de como pensar o cemitério como espaço histórico e de memória.

Podemos encontrar muitos exemplos de túmulos com essas características nas necrópoles municipais da atual região do Seridó. O mais importante é perceber que esses campos santos refletem um cenário social de cidades onde a tradição religiosa parece ser forte o bastante para opor-se a laicização dos costumes fúnebres e que o aparecimento de uma *nova morada* para os mortos não significou necessariamente a descristianização total da cultura mortuária, como acontece em outros municípios brasileiros.

Percebemos, então, que os elementos culturais postos nos cemitérios foram pensados dentro de um ideário burguês que considera as edificações e seus conteúdos como forma de homenagear e eternizar a memória e a identidade do indivíduo ali sepultado, ao mesmo tempo que reafirma seus valores sociais e culturais, tornando-os lugares para a memória. “Neste contexto, a memória se materializa nos artefatos cemiteriais inscritos nas sepulturas. São elementos que simbolizam a morte e o enterrado, proporcionando a fixação da lembrança do falecido. Tais atos são formas de chamar a viver”.⁹

Na leitura feita a partir dos cemitérios pesquisados, pudemos observar que são campos-santos seculares, instalados no século XIX, em cidades de pequeno e médio porte. Esses espaços transmitem um conhecimento artístico advindo tanto de uma

⁹ BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. *Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual – 1858 -1950*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Pelotas, RS, 2010, p. 98.

releitura da cultura erudita como da popular e de massa, persistindo o predomínio de um tipo de produção padronizada. Na grande maioria dos túmulos, percebemos a presença de decoração vernacular¹⁰: trata-se de modelo de túmulo simples e singular, construído sobre campas escalonadas revestidas, que apoiam um pequeno oratório, apresentando urnas funerárias, que, decoradas, transformam-se em pequenos altares.

As edificações funerárias são, quase em sua totalidade, erguidas com material da construção civil, mármore e/ou granito. Algumas explicitam a presença de um gosto popular; outras são dotadas de valor histórico. Estas detêm desde uma tipologia – que se associa da rígida clássica à eclética, advindas da cultura europeia, perpassando pelas expressões de modernidade, até chegar às construções de cunho popular, entendidas atualmente por alguns pesquisadores como de *patrimônio modesto*.

¹¹ Os adornos – festões e entablamentos bem trabalhados, coroa de flores ou guirlanda, feita de folha-de-flandres, plástico ou mesmo de papel, vasos com flores e as plantas silvestres – contribuem para o enriquecimento visual do cemitério, conferindo-lhe um valor simbólico.

O artesanato local também é representado pelos *riscadores de pedra* que trazem motivos florais, retratando também alguns signos religiosos – imagens do Sagrado Coração de Jesus ou de Maria, e do Divino Espírito Santo – a pomba da paz –, elementos do catolicismo. Tudo isso contribui para que o cemitério seja um lugar tranquilo, com uma paisagem bucólica que coopera para a emanção de um clima de paz, de harmonia e de contemplação que permite à família uma situação de conforto diante do sofrimento causado pela perda do ente querido.

Desse modo, a beleza e a sofisticação das construções, apesar de não seguirem um único estilo artístico nem tampouco adotarem necessariamente um padrão artístico, como, por exemplo, o *art nouveau*, o realismo, ou estilos neoclássicos, expressam, através da cultura vernacular, o gosto popular, que demonstra as características próprias do lugar. Não percebemos sentimento de competição ou

¹⁰ Por *cultural vernacular*, entendemos aquela que se utiliza de artefatos e recursos presentes no cotidiano e que se assemelha com a cultura local ou regional. Sobre arquitetura vernacular, Charles Orser observa que as produções “consistem em estilos que refletem a tradição cultural mais do que formas arquitetônicas puras. Tal arquitetura demonstra, em geral, as verdadeiras atitudes e crenças de um povo de maneira mais clara do que a arquitetura acadêmica” ORSER, Charles E. *Introdução à Arqueologia Histórica. Op. cit.* p. 35.

¹¹ Sobre esse assunto, consulte-se: ESCOBEDO, Helen. (coord.) *Monumentos mexicanos*. De las estatuas de sal y piedra. México: Conaculta-grijalbo, 1992.

expressão de poder nos túmulos. Essa concorrência parece, hoje, estar relacionada apenas à beleza, à decoração ou ao cuidado com o jazigo ou cova, sendo diferenciados por esse ou aquele detalhe. Na maioria das vezes, esses detalhes são confeccionados com materiais constitutivos dessa cultura, notadamente fruto de uma vivência social intrínseca, reveladora dos modos de ser e dos usos daquela população.

A ornamentação dos túmulos é feita principalmente com objetos florais confeccionados com materiais plásticos, papel ou mesmo metal, que colorem e dão beleza ao espaço. Para Birte Pederson, a nova morada, tal qual a casa anterior, merece ser decorada, pintada e ornamentada. Concordando com essa autora, Rodrigo Gutiérrez Viñuales acrescenta que a arquitetura funerária vernácula da América Latina se manifesta por meio de elementos estéticos bem peculiares, diferentes dos utilizados nos demais continentes.¹²

Em geral os cemitérios seculares adotam um modelo de planta subdividida em quadras. As sepulturas são construídas obedecendo a um sistema de disposição lado a lado, dentro de uma quadra. As construções funerárias que se instalam no corredor principal, o qual geralmente dá acesso à capela, são sempre as que mostram o gosto da burguesia vigente. Essas construções geralmente são influenciadas pela arte erudita, enquanto as dispostas no interior das quadras ou as mais distantes adotam uma estrutura menos arrojada e comumente apresentam características de cunho popular.

O Cemitério São Vicente de Paula foi construído em 1913 na cidade de Caicó. Se antes a necrópole se achava afastada da cidade, atualmente ela está muito bem localizada e pode facilmente ser encontrada pelos visitantes e moradores da cidade. Com o aumento dos enterramentos, o cemitério foi tendo todo o seu terreno ocupado, de modo que hoje já não existe mais espaço para a construção de novas sepulturas. Este cemitério contém somente uma entrada, que fica à Rua Felipe de Araújo Pereira, no bairro Paraíba.

Na primeira parte do cemitério, a mais antiga, estão os primitivos túmulos construídos, os mais expressivos. A datação mais antiga encontrada no cemitério é de 1918, ano em que faleceu Pedro Gurgel do Amaral e Oliveira. Provavelmente, essa não foi a primeira sepultura edificada, porque a data mais provável para a construção desta

¹² Conferir PEDERSON, Birte. *Entrada al Cielo: arte funerário popular de Ecuador*. Editorial Nerea S. A. España, 2008, p. 7 e 11.

necrópole é o ano de 1913. No entanto, o túmulo dessa importante família figura como o mais antigo ali construído com as proporções monumentais que ele apresenta.

Esse cemitério é um campo-santo convencional simples, muito bonito, apesar de estar um tanto descuidado. Devido ao grande número de sepulturas, fica difícil identificar as *ruas*. Em sua decoração, ele conta com a presença de flores ornamentais naturais – plantas silvestres, típicas – e elementos florais confeccionados com material plástico e papel. As imagens falam da memória e da história local, dizem da profissão, dos gostos e dos momentos vividos. Os primeiros túmulos construídos nessa necrópole foram arquitetados em formato semelhante ao de uma capela, com bases escalonadas e sobrepostas, contendo nicho, possivelmente uma releitura das igrejas coloniais construídas nas povoações do Seridó, e são bastante expressivos. Porém atualmente as covas, em sua maioria, são rasas – ao rés do chão – e na parte nova da necrópole a maioria dos túmulos segue o estilo moderno.

Característica da vida cotidiana do seridoense, a presença da religiosidade é bastante forte. No cemitério, podemos encontrar elementos como cruzeiros, imagens sacras, terços, rosários, altares. Também nessa necrópole existe uma abundante presença de retratos memoriais, inclusive mostrando familiares reunidos, os quais as vezes morreram momentos distintos. Existem também aqueles que mostram os feitos do morto. O material mais utilizado na feitura dos túmulos atualmente é o mármore ou granito, no entanto, em praticamente todas as construções mais antigas, o recurso empregado foi cimento armado, que também continua a ser usado hoje.

Dos espaços de enterramentos contemplados por esta pesquisa, o Cemitério São Vicente de Paula, de Caicó, é o maior em termos de área construída. Acreditamos que, nesse cemitério, assim como nas demais necrópoles que pesquisamos a fachada não é original. Desse modo, advertimos sobre a possibilidade de terem sido utilizados subsídios de algumas das construções funerárias mais antigas para a composição do frontispício atual, dado que existem muitos túmulos no interior da necrópole com elementos decorativos e formato empregado na frontaria. Importante notar que, apesar de não reformar o cemitério como um todo, a prefeitura se preocupa em mantê-lo bem apresentável.

O **Cemitério Sant’Ana**, da cidade de Currais Novos, foi mais um de nossos campos de pesquisas. Do mesmo modo, é uma necrópole simples, mas bela. Quando foi

construído, nele foi edificada uma capela, que não mais existe, tendo sido substituída por uma grande cruz de madeira, posta ao fundo. Atributo peculiar à cultura popular, a presença de flores ornamentais naturais e artificiais, é marcante no sentido de embelezar esse espaço fúnebre. Igualmente nele percebe-se retratos memoriais, que notadamente expressam as crenças familiares, o amor, a saudade, os gostos e momentos vividos – de maneira especial, a memória local.

A primeira construção fúnebre desse cemitério foi o túmulo da *Família Dantas e Medeiros*, atualmente reformado, tendo perdido totalmente suas características originais e apresentando-se como uma construção moderna. Outros túmulos, porém, mantêm seus atributos de origem, o que dá ao cemitério um valor histórico-cultural e de memória. Também nele encontramos covas rasas. Infelizmente, grande parte dos túmulos se encontra em estado de degradação, especialmente os mais antigos. O elemento religioso é representado por cruces, imagens sacras, terços, rosários, como também por pequenos altares.

Como também teve sua construção iniciada, mesmo que precariamente, no ano de 1856, o **Cemitério Público** da cidade de Carnaúba dos Dantas não poderia deixar de receber nossa atenção. As cores, seja nos túmulos seja nos adornos colocados sobre eles e em seu entorno, são a principal característica dessa necrópole. Iniciado a partir de uma *ramada*, o Cemitério Público de Carnaúba dos Dantas – na época Povoação das Carnaúbas – caracteriza-se por seu modo simples de se revestir, por meio da vegetação típica constituída de plantas rasteiras, o que, devido à fartura e à beleza de suas flores e folhagens, dá um colorido especial ao lugar.

Com uma área construída de 1.727,21m², essa necrópole possui, considerando-se suas dimensões, grande número de túmulos, destacando-se as covas rasas. Dos cemitérios pesquisados, o de Carnaúba dos Dantas é o mais decorado, o menor e também o mais simples, especialmente no que diz respeito à presença de túmulos suntuosos ou monumentais. Sua entrada é seguida por um caminho que finda aos pés da capela, de feições coloniais. Atualmente reformada e com características da arquitetura moderna, a entrada principal foi construída inicialmente seguindo o gosto neoclássico.

Atualmente, as sepulturas estão distribuídas de forma desordenada, devido ao grande número de enterramentos, o que, inclusive, fez a gestão municipal promover

uma reforma para ampliação do espaço de inumação, anexando um terreno contíguo do lado direito da necrópole. Esse cemitério possui algumas carneiras, túmulos de porte médio e covas ao rés do chão. Uma de suas peculiaridades, em relação aos demais, é que nele não existem túmulos monumentais – com mais de uma base e/ou em formato piramidal. Porém, as covas rasas, que são a grande maioria, carregam consigo elementos que revelam a mais íntima convicção da população em sua fé cristã – as cruzes, com destaque para a cruz que imita caules de árvores cruzados.

Comum a todos os cemitérios investigados, os retratos memoriais são peças fundamentais na constituição da memória familiar e social daquela população. A capela é também um elemento importante, não só pela presença da religiosidade local, mas pelo fato de que, segundo consta na tradição oral, ela teria sido erguida sobre as covas dos coléricos, no ano de 1856, na intenção de que ninguém se *atrevesse a mexer numa daquelas sepulturas*, o que mostra o medo que a população conheceu nos tempos coléricos.

Guardião da memória histórica e social acariense, o **Cemitério São Vicente de Paula** também foi de fundamental importância para a realização de nossa pesquisa. Apesar de estar um tanto descuidada a necrópole, que já conta com um século e meio de construção, atualmente é uma obra que necessita de nossa atenção. Seguindo o mesmo padrão dos demais, esse cemitério tem em seu cenário histórias de grandes homens de sua época. Ali estão inumados coronéis, fazendeiros, políticos, pessoas que foram importantes na constituição sócio-histórica da cidade e da região.

O Cemitério São Vicente de Paula, de Acari, possui um número considerável de túmulos expressivos. São jazigos monumentais, construídos em estilo eclético, adornados com elementos peculiares. Sua composição varia desde os altares, com ou sem imagem sacra, à decoração com frisos, rosetas, volutas, arco em ogiva, máscaras de anjo, utilizando-se também a folha de acanto¹³. Sua construção une, num só espaço, túmulos, carneiras e covas rasas, distribuídos em 2.695,61 m² de área

¹³ Elemento comumente utilizado para ornamentação de construções arquitetônicas. O acanto é uma “planta de países mais quentes, semelhante ao cardo. As folhas largas e recortadas das duas espécies de acanto da região mediterrânea serviam de modelo para ornamentos, empregados sobretudo no capital coríntio; o acanto era também utilizado como entrelaçamento para a cobertura de superfícies. O significado simbólico dessa planta relaciona-se provavelmente com seus espinhos; indica que uma questão difícil foi resolvida”. LEXIKON, Herder. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo, Editora Cultrix, 1997, p. 11-12.

construída, um pouco desordenados, devido ao grande número de sepulturas, o que dificulta, inclusive, a livre circulação.

Esse cemitério também apresenta capela e está protegido por um muro com cerca de dois metros de altura. Os túmulos monumentais, que percorrem quase todo o largo da entrada principal, ostentam bases sobrepostas, alguns têm varandas abertas, outros são enriquecidos por esculturas e com arco em ogiva, frontões triangulares, arremates em máscara de anjo, balaustradas, ornatos em folhas de acanto, volutas e ramos de flores. Os túmulos desse porte costumam ter uma estrutura vertical, em cujo topo há uma cruz.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARIÈS, Philippe. *O Homem Diante da Morte*. Vol. II, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

ARIÈS, Philippe. *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa: Teorema, 1989.

BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. *Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual – 1858-1950*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Pelotas, RS, 2010.

BORGES, Maria Elizia. *A memória da ABEC e os memoriais cemitérios do Estado de São Paulo (Brasil)*. In: X Encuentro Iberoamericano de Valorización y Gestión de Cementerios Patrimoniales. Outubro de 2009, Medellín, Colômbia. ANAIS.

BORGES, Maria Elizia. *Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.

BURKE, Peter. *O que é história cultural*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2005.

CANDAU, J. *Antropologia de La Memória*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

CARDOSO, Rejane (coord.). *400 nomes de Natal*. Prefeitura Municipal do Natal, Natal-RN, 2000.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e Cultura material: uma introdução bibliográfica*. Anais do Museu Paulista, São Paulo. N. Sér. v. 8/9, p. 293-324. (2000 - 2001). Editado em 2003.

- CATROGA, Fernando. *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756 - 1911)*. Coimbra: Minerva, 1999. Coleção Minerva-Historia, 18.
- DANTAS, Manoel. *Denominação dos Municípios*. Natal, Edições Sebo Vermelho, 2008.
- ESCOBEDO, Helen. (coord.) *Monumentos mexicanos. De las estatuas de sal y piedra*. México: Conaculta-grijalbo, 1992.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *Documento monumento*. In: *História e memória*. 3 ed. Campinas. Edunicamp. 1997, p. 535-53 (Coleção Repertórios).
- LEXIKON, Herder. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo, Editora Cultrix, 1997.
- LIMA, Nestor. *Municípios do Rio Grande do Norte: Acari, Angicos e Apodi*. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1990 (Col. Mossoroense, série C, v. 594, ed. Fac-similar).
- LIMA, Nestor. *Municípios do Rio Grande do Norte: Baixa Verde, Caicó, Canguaretama, e Caraúbas*. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1990 (Col. Mossoroense, série C, v. 596, ed. Fac-similar).
- MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. *A penúltima versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense*, Natal: Edições Sebo Vermelho, 2005.
- MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Seridó norte-rio-grandense: uma geografia de resistência*. Caicó, RN. Ed. do autor, 2005.
- NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.
- ORSER, Charles E. *Introdução à Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte: Oficina dos Livros, 1992.
- PEDERSEN, Birte. *Entrada al Cielo: Arte funerario popular de Ecuador*. San Sebastian. Editora Nerea, 2008.
- REDE, Marcelo. *História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material*. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 4, p. 265-282, jan./dez. 1996.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: rituais fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- RODRIGUES, Cláudia. *Nas fronteiras do além. A secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2005.
- VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História: Fantasmas e Certezas nas Mentalidades Desde a Idade Média Até o Século XX*. São Paulo: Editora Ática, 1997.